

Quem já viu Goa não precisa de ver Lisboa?

NA SALA de embarque do aeroporto de Dabolim, em Goa, há gritos, tiros e um homem de vastos bigodes que agoniza nos braços de uma formosa mulher, cujos olhos faiscantes verde-esmeralda rivalizam em beleza com o sari roxo debruado a ouro. Para alívio dos turistas, é tudo a fingir. O homem levanta-se num salto e alisa o bigode com um pente que tirou do bolso de trás dos jeans, enquanto a mulher é rodeada de aias que lhe compõem as pregas do sari de seda e retocam a maquilhagem. Os tiros, a correria, as lágrimas fazem parte do guião de mais um filme de Bollywood, os maiores estúdios cinematográficos do mundo, cujas produções coloridas e extravagantes misturam drama e comédia e são repletas de números musicais.

Goa é um dos cenários preferidos dos produtores de Bollywood (cujos estúdios situados nos arredores de Bombaim lançaram, só no ano passado, 934 longas-metragens) e as razões são fáceis de explicar. O antigo território português reúne qualidades ímpares: praias imensas de areias douradas e mar azul, coqueirais intermináveis, igrejas monumentais e capelas brancas que contrastam com o verde das florestas, dois rios largos que correm mansos para o Índico, templos hindus, mesquitas



Nestes 45 anos, Goa mudou muito. Com a chegada de hindus e muçulmanos vindos de outros estados da Índia (tendência que se reforçou após a abertura do caminho-de-ferro) acentuou-se o sincretismo religioso que é a marca do território. Hoje a proporção inverteu-se: há mais hindus do que cristãos, embora os muçulmanos continuem uma minoria. Mas, ao contrário do que acontece noutros estados da Índia, a convivência entre as três religiões é pacífica. Bem cedo, os goeses descobriram que a “desunião faz a força” e, por isso, igrejas históricas caiadas de branco após a monção, em finais de setembro, convivem com os coloridos templos hindus dedicados a Ganesh ou Shiva. Nas festas mais exclusivas do território, que acontecem durante o Natal ou o Carnaval em clubes como BPS, em Margão, ou o Harmonia, em Panjim. Cantam-se velhas canções portuguesas, dança-se o mandó (dança de pares), comem-se os deliciosos doces hindus. E bebe-se cerveja e outras bebidas alcoólicas, cujo consumo é proibido em muitos estados.

As praias douradas e águas quentes continuam a ser a grande atração do estado. E também aqui pode fazer-se

muçulmanas e muitos hotéis e casinos de um luxo asiático, lado a lado com casas indo-portuguesas de arquitetura única e recheio precioso. Peças de arte-sacra, porcelanas da China e da Companhia das Índias, mobiliário indoportuguês em madeiras nobres e marfim podem ser encontrados nas casas coloniais mantidas de pé pelos descendentes dos brâmanes e chardós católicos, cuja conversão começou no dia em que as naus de Vasco da Gama subiram o rio Mandovi e fundearam junto a Velha Goa, primeira capital do território. Há muita gente que julga que Goa é apenas uma cidade, que em tempos integrou com Damão e Diu o chamado Estado Português da Índia. Mas Goa é um estado com cerca de metade do tamanho de Portugal, o jovem e o mais pequeno da Índia. Um provérbio local diz, com algum exagero, que “quem já viu Goa não precisa de ver Lisboa”. Uma coisa é certa: quem nunca viu Goa não sabe o que perde.

A chegada de todos os deuses

A história de Goa e de Portugal esteve intimamente ligada até 18 de dezembro de 1961, dia em que as tropas da União Indiana avançaram pelo território, por ordem de Jawaharlal Nehru, encontrando fraca resistência. No território estavam aquartelados cerca de 3500 soldados portugueses, impotentes para resistir ao assalto de mais de 30 mil indianos. O governador-geral do Estado Português das Índias, general Vassalo e Silva

uma distinção entre o Norte, predominantemente hindu, e o Sul, mais católico. Bem no topo do território, junto ao antigo forte português de Tiracol (onde se pode chegar numa moto Bajaji alugada por meia dúzia de euros) as praias são praticamente desertas e cortadas por muitos pequenos rios, que se cruzam em jangadas improvisadas. Há recantos paradisíacos, mas poucos hotéis dignos desse nome. Os menos exigentes arranjam quartos espartanos, sem banho, por preços irrisórios que não chegam a atingir os cinco euros. Mas quando se desce em direção a Panjim, a capital, as coisas mudam de figura. Anjuna, por exemplo, tem tantos europeus que faz lembrar Quarteira num dia de agosto. É por aqui que se realizam as grandes raves de “Goa Trance”, que duram a noite toda, movidas a “ganja” (maconha) e cerveja Kingfisher. Há muitos e muitos hotéis à volta de Panjim. (os portugueses gostam especialmente do Forte Aguada, instalado num velho forte militar) e a cidade brilha pelas igrejas magníficas, pelo trânsito caótico e pelo castiço Bairro das Fontainhas, onde fica o prédio da Fundação Oriente e onde é costume ouvir português na rua.



Ir a Goa, melhor agora

O ambiente muda quando se cruza o rio Zuari, através de uma ponte deixada pelos portugueses. Para trás fica Velha Goa, com as suas igrejas e o corpo incorrupto de São Francisco Xavier, carregado de dez em dez anos pelas ruas, num dos momentos mais esperados pelos goeses. Para trás fica ainda Pondá, a cidade que mais templos hindus reúne em Goa. O Sul permanece cristão, sobretudo Margão, a segunda cidade do território. Ali perto fica Rachol, o maior seminário da Índia, que guarda tesouros de valor incalculável, para além de registos de nascimento, casamento e óbito de metade dos habitantes do território. Ali perto fica ainda o estádio de Majorda, onde o futebol rivaliza com o críquete. O bazar de Margão seduz e intimida: ruelas escuras, apertadas, saturadas de cheiro a especiarias, onde se encontra de tudo, desde “tikas” (sinal decorativo que as indianas colam na testa) até ao doce de grão ou ao terrível chouriço goês, provavelmente a comida mais picante jamais inventada pelo homem.

Quanto mais se desce, mais as praias se tornam encantadoras, bordejadas por coqueiros e atravessadas por pequenos rios. As aldeias estão literalmente afogadas em verde, com lagos cheios de nenúfares, garças e pacíficos búfalos, que se espojam na lama.

Chegar a Goa não é difícil, nem particularmente caro e esta é a melhor altura do ano para lá ir terminada a monção. Há voos frequentes para Bombaim, a preços moderados. Até Dabolim, numa das muitas companhias aéreas privadas, são menos de 45 minutos de voo. Quem quiser, pode optar por uma inesquecível viagem de 122 horas de comboio (partida de Victoria Station, em Bombaim, chegada a Margão) no Konkani Railway, por 40 euros. Gente com menos espírito de aventura encontra na Internet diversos pacotes charter com hotel incluído e a preços razoáveis. Mas nada bate chegar a Dabolim (onde a pista de aterragem serve também de estrada para os habitantes da povoação) e depois descobrir Goa num táxi Fiat dos anos 1950, numa moto Bajaji ou num riquexó motorizado, amarelo-choque. Aventura é aventura. (in Visão(

